

Ano XXXIV - Nº 332 - Novembro - 2020 Joinville - SC



ISSN 2237-2164

IMPRESSO

Exemplar de assinante/anunciante

JORNAL DA EDUCAÇÃO

www.jornaldaeducacao.inf.br

Circula nas redes sociais

ELEITOR 2020

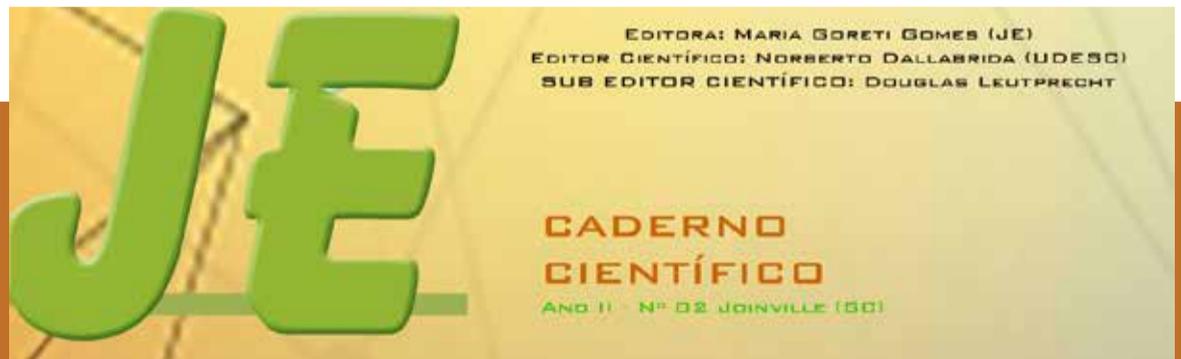
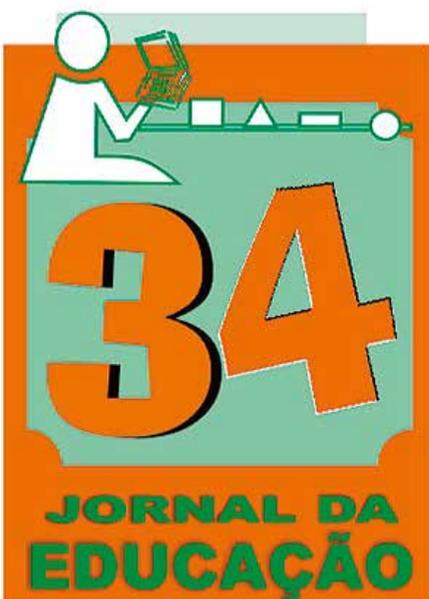


Leia nesta edição



Política Nacional de Educação Especial
Equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida

Lançado documento da Política Nacional de Educação Especial - PNEE que prevê escolas especializadas e classes especiais, além do atendimento nas classes regulares. **PÁG. 6**



EDITORA: MARIA GORETI GOMES (JE)
EDITOR CIENTÍFICO: NORBERTO DALLABRIDA (UDESC)
SUB EDITOR CIENTÍFICO: DOUGLAS LEUTPRECHT

CADERNO CIENTÍFICO
ANO II - Nº 02 JOINVILLE (SC)

Professor - pesquisador, o Jornal da Educação publica seu artigo científico, artigo de opinião, resenha e relato de experiência pedagógica sem custo algum. Acesse o portal do Jornal da Educação e envie seu texto para avaliação pela banca científica.

www.jornaldaeducacao.inf.br/artigos-cientificos

Escolas reabertas para a democracia ou só para a eleição??!!

Após nove meses praticamente fechadas, as escolas de todo o Brasil, voltaram a ganhar vida em praticamente todas as salas de aula. Diferente do público regular destes espaços, os adultos permaneceram em filas para segundo prevê a lei, exercer seu direito ao voto. Mas, assim como o público regular das escolas, muitos faltaram. Aliás, no primeiro turno, mais de 35% não compareceram às urnas.

Seja por medo de se contaminar pelo Corona vírus, seja para protestar ou mandar um recado aos políticos, independentemente da razão, para 1/3 do eleitorado do país, não votar apesar de ser obrigatório, foi a melhor opção. O recado é, as eleições são dispensáveis neste momento. É preferível justificar o voto por aplicativo, como tem sido a vida de quase todos os brasileiros, ou pagar a multa que pode variar entre R\$ 1,05 e R\$ 3,51, por cada turno.

É triste perceber que para manter os políticos lá onde estão, tanto eles mesmos por meio dos deputados, senadores e poder judiciário e executivo, mantiveram as eleições a pretexto de que é manter a serem indispensáveis à manutenção da democracia. Mas, eles mesmos não proveram meios dos frequentadores regulares das salas de aula, os estudantes das redes públicas, manterem-se presentes para estudar,

seja presença, seja virtualmente. Num claro recado à sociedade de que para os mais de 88% de brasileiros em idade escolar, aprender não é essencial para a manutenção da democracia.

Abriu as escolas para as eleições, deixou ainda mais escrachada a realidade de que o Brasil é sim uma sociedade de "castas". Os políticos pretendem-se a casta superior, os cidadãos com dinheiro para pagar as escolas particulares, os "amigos do rei", os funcionários públicos, a corte e o cidadão comum, aquele que tem os filhos nas escolas públicas regulares de ensino básico, a casta inferior.

Obrigados a viver com o auxílio governamental, seja em forma de auxílio emergencial, de seguro desemprego, bolsa família, num sub emprego ou ensinando os filhos por meio de ensino remoto por fotocópia.

Já para o cidadão matriculado numa das universidades públicas o tratamento é de "amigos do rei". Estes sim ganharam internet paga com dinheiro público e até equipamentos eletrônicos como celulares, tablets e até computadores, para acompanhar as aulas on line.

Enquanto os professores de escolas públicas básicas tiveram que se virar para montar suas aulas e fazê-las chegar aos alunos, na solidão de

suas casas. E, na maioria das vezes, sem auxílio algum das secretarias de educação, os professores das universitários públicas começaram a dar as tais aulas on line, quando e quiseram. Os alunos, mesmo os que estavam em período de conclusão de curso, tiveram que se adaptar e esperar a data de formatura adiada, no mínimo por seis meses.

A pandemia deixou à mostra a calamidade e o descaso do país com nossas crianças e adolescentes. Transpareceu claramente que em anos e anos, nada crescemos em efetiva qualidade do ensino público efetivamente entregue à maior parte da população. E mostrou também que dar uniforme, merenda e material escolar são assistencialismos que provocam o distanciamento e a desresponsabilização crescente dos pais em relação a vida escolar dos próprios filhos.

Se de um lado, principalmente os professores, com uma dedicação nunca antes percebida, demos um salto em uso e aprendizagem das tecnologias já disponíveis; por outro, ficou evidente a falta de percepção da realidade vivenciada por mais de 90% dos estudantes do ensino básico do país.

Enquanto os professores se reinventariam para chegar aos alunos e avaliar sua aprendizagem,

as secretarias, a parte burocrática do sistema, sequer conseguiu averiguar a presença ou não do estudante. Quem pode imaginar que um país que sequer sabe quantos e quais de seus estudantes matriculados está frequentando a escola (ou pelo menos abrindo a aula ou a apostila para tentar estudar), poderia proporcionar oportunidade de aprendizagem real.

Desnecessário dizer, mas necessário lembrar que o ensino público é a única porta de saída da miséria ou da pobreza para milhões de brasileiros menores de 18 anos. Brasileiros que não conseguiram superar a pobreza, não têm as mínimas condições de frequentar as salas de aula em tempos "normais", imagine em tempos de pandemia. Grande parte filhos de pais sequer alfabetizados ou mesmo letrados.

Mas estes mesmos brasileiros serão os que estarão em dois anos, frequentando novamente as salas de aula para votar em números. Sim, por números, porque se fosse para escrever o nome de seus candidatos, seguramente a grande maioria dos votos seria anulada por incompreensíveis.

Será este o novo e grande objetivo da reabertura das escolas para o público?! Eleger números do descaso e da ignorância coletiva?

OPINIÃO DO LEITOR

Por Julio Cezar Bernardelli*

O paradigma do Ensino Híbrido

Recordar é viver: "é preciso aprender a aprender". Ouvi muito essa frase quando era adolescente. Foi um período em que surgia uma nova proposta de ensino, era preciso desconstruir para reconstruir; para dar oportunidade ao novo.

Mas ainda hoje, depois de algum tempo (não tanto assim), falamos de rupturas e abertura de espaço para o novo.

A tecnologia, que aproxima, fez parceria com a educação para levar conhecimento aos alunos em lugares mais diversos. Mas essa parceria, que acontecia com uma aproximação em ritmo de flerte, precisou noivar e casar rapidamente para solidificar seus resultados, devido ao inesperado que surgiu no início do ano de 2020.

Esse casamento, entre a tecnologia e a educação, gerou um filho chamado de ensino híbrido, que é aquela criança que tem a cara de educação, mas carrega os trejeitos da tecnologia. Não se sabe se a tecnologia moldou-se às necessidades da educação ou a educação adaptou-se à tecnologia. Mas que parece que uma nasceu para complementar a outra, isso parece.

Claro que isso não é novidade, já se fazia ensino híbrido há algum tempo, mas o que impressiona é a velocidade da mudança imposta por uma pandemia. Quem nunca quis precisou aceitar; quem era contra, precisou repensar; quem já fazia, precisou melhorar.

Seja Ensino a Distância (EaD), semipresencial ou telepresencial, para se conseguir resultados satisfatórios que corroborem a qualidade deste formato educacional, é necessário o envolvimento e comprometimento de todos os atores do processo.

Pegemos como exemplo o ensino semi-presencial, em que o aluno deve ser o ator principal de seu desenvolvimento. O discente deve ler e estudar o material antes da aula presencial, para que no encontro com o docente e demais colegas possam sanar dúvidas, criar debates, trazer exemplos e enriquecer o momento através de suas experiências que são únicas e particulares devido ao trajeto de vida de cada um deles. O professor deve atuar como um mediador e instigador para reflexões e construção do conhecimento coletivo.

Mas o que se observa nessa modalidade, que agora tem seus encontros presenciais via web, são dois grupos distintos de alunos. O primeiro grupo é daqueles que não leem o conteúdo proposto, não participam dos encontros virtuais e quando aparecem nas aulas, mantêm suas câmeras e microfones bloqueados não proporcionando nenhuma interação com os demais, felizmente esse grupo é composto por uma minoria. Já o segundo grupo é constituído por alunos comprometidos e que estão em busca de se tornarem bons profissionais, por isso usam de todos os canais disponíveis para buscar informações, debaterem os temas e agregarem conhecimentos aos seus estudos.

Sabemos que o padrão conhecido no ensino superior foi alterado, muitos torcem por sua volta e decidiram parar para esperar tudo se normalizar, mas quem não parou para esperar já está despontando muito à frente de quem continua aguardando a normalização do "status quo".

Alunos e professores percebem que, se há envolvimento de ambos os lados, o ensino híbrido, as metodologias ativas, como sala de aula invertida, trazem benefícios para todos e mantém a qualidade da educação.

Estudar nos horários em que seu aprendizado é favorecido, permanecer no conforto e segurança de sua casa, ter a facilidade de contato com professores e colegas de turma por diversos canais de comunicação, receber apoio da instituição onde estuda e ter seu diploma reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) são apenas alguns dos benefícios da educação híbrida.

É normal do ser humano buscar conforto e facilidade para tudo o que faz, não seria diferente na educação. Isso tem impulsionado o ensino superior a investir cada vez mais em tecnologia e metodologias diferenciadas para atrair seu público. Essas inovações tendem a trazer profundas mudanças para a educação superior nos próximos anos, atraindo um número cada vez maior de estudantes universitários com o perfil de uma geração que adotará o ensino híbrido como a melhor ferramenta de aprendizagem. É o momento de "aprender a aprender".

Para quem está imerso nessa modalidade de educação, por opção ou porque não teve opção, é preciso saber que a magia do conhecimento não acontece porque se tem um computador de última geração ou uma internet de fibra ótica. É preciso dedicação, comprometimento, vontade, garra, determinação, suor e, algumas vezes, um pouco de lágrimas. Mas saiba que, no fim de tudo, as lágrimas serão de alegria por ter vencido e superado a si mesmo.

Julio Cezar Bernardelli é mestre em Tecnologia e Sociedade, graduado em Administração, especialista em Gestão e Liderança e professor do Centro Universitário Internacional Uninter.

EXPEDIENTE



Ano XXXIV - Nº 332
Novembro de 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: Graf Norte
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

Dicas para superar um casamento em crise

Por Flávio Melo Ribeiro* - Psicólogo

Casais em crise - Vivendo o casamento em época de quarentena

Dez dias de confinamento num contexto de fragilidade, em virtude de um vírus ameaçador, faz as pessoas perceberem sua condição de mortalidade e aflorar os aspectos bons e ruins do casamento. Se o casamento já demonstrava desgaste, desentendimento e certa insatisfação, a convivência em quarentena faz amplificar esses problemas. Por outro lado, essa confinamento também poderá servir para resolver os problemas. É a hora de perguntar com sinceridade: como está o relacionamento do casal? Estão se dando bem?

Se a resposta for sim: pense por que está bom e diga para o outro. Sempre é gostoso escutar o quanto é amado. Isto fortalece os laços afetivos e melhora o casamento. Porém se a resposta for não: é o momento de agir a respeito.

Procure fazer os seguintes exercícios para você compreender e melhorar a relação: a primeira coisa a fazer é identificar o que está ruim e se esses problemas já ocorriam antes da quarentena. Quanto mais você descrever o problema, mais fácil será saber onde intervir para melhorar. Não vale resposta do tipo: "o outro é chato". Se é esse o sentimento pense: o que faz o outro ser chato? É o que fala, como fala, seus modos, manias? Identifique em detalhes. Caso você tenha dificuldade de fazer essa descrição e não sabe por onde começar, segue uma lista de assuntos para você refletir:

- A) É o conteúdo do que fala?
- B) É a forma como se expressa?
- C) Falta individualidade na relação?
- D) Excesso de tarefas?
- E) Baixa qualidade do sexo?
- F) Uso de drogas/álcool?
- G) Violência
- H) Traição
- I) Ciúmes

É comum depois dessa reflexão a pessoa ficar com vontade de acusar o outro pelas suas frustrações. Mas calma! Antes de achar culpados pense o seguinte:

1) Reflita qual a sua parcela de responsabilidade nesse problema, e o que você pode fazer para melhorar. Num relacionamento de casal, o envolvimento é dos dois e, conseqüentemente, a responsabilidade também. Ou é porque você está fazendo ou porque está deixando o outro fazer. É um exercício difícil de realizar, pois a tendência é colocar a culpa no outro. Mas reflita com o máximo de clareza.

2) Todos nós temos necessidades. Nesse momento é importante focar nas necessidades afetivas. Antes de acusar o outro por estar fazendo alguma coisa que você não gosta, procure entender por que ele está fazendo isso. As pessoas fazem para buscar suprir uma necessidade, ou por revolta porque não estão sendo supridos no que desejava. Esse é um exercício essencial para entender com quem você está casado. Tente se colocar no lugar do outro e reflita: em quais necessidades o outro não está sendo atendido para que esteja agindo dessa forma que você não gosta?

Com todo esse conhecimento que sua reflexão trouxe, e tendo um pouco mais de clareza, chegou o momento de conversar com o outro. Porém, muito cuidado na forma de falar. Nessa conversa é importante não acusar, mas compreender o outro.



Flávio atua na Viver, em Florianópolis

Vou passar algumas dicas para facilitar.

1) É fundamental que o início dessa conversa seja compreender os sentimentos do outro. Compreender não significa aceitar, mas entender com sinceridade como o outro está se sentindo.

2) Escute primeiro porque o outro não está satisfeito com o casamento.

3) Nunca! De jeito nenhum culpe o outro. Por mais difícil que seja para você escutar, respire fundo, conte até 20, escute porque o outro não está satisfeito de estar casado com você e o que ele quer. Entenda quais necessidades afetivas não estão sendo atendidas para que o outro tenha as queixas que está expondo.

4) Depois faça a mesma coisa: exponha seus sentimentos, sem agredir, apenas mostrando suas necessidades afetivas que não estão sendo atendidas.

Cabe aqui um alerta importante: Por mais obvio que seja para você, pode não ser para o outro. Por isso a importância de expor o que sente, o que espera, os desejos não realizados. E não apenas nessa conversa, mas no dia-a-dia do casal.

Uma vez que ambos expuseram suas necessidades não atendidas, volte seu pensamento ao passado. E fale ao outro:

- 1) Eu me casei com você porque ...
- 2) Quando me casei com você tinha a expectativa que nosso casamento seria ...

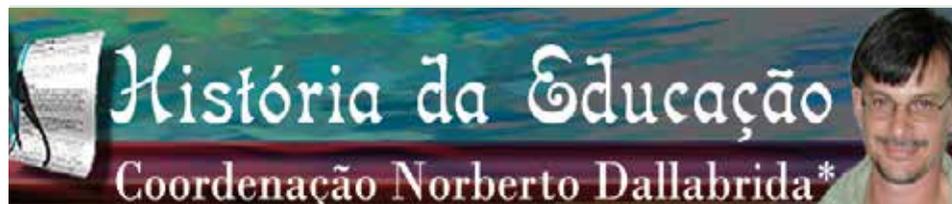
Será que o outro sabia disso? Ou sempre foi uma expectativa apenas sua e você ficou esperando que o outro suprisse as suas necessidades afetivas porque na sua opinião era óbvio?

Cuidado: o resultado dessa conversa vai expor as necessidades de ambos. Lembre-se o objetivo dessa conversa é melhorar a relação. Segue mais um exercício. Estamos quase no final!

1) Os dois, individualmente, devem fazer uma lista do que podem fazer para melhorar a relação e realizar os desejos de ambos, ao mesmo tempo que suprem suas necessidades afetivas.

2) Achem um local reservado só para vocês dois. Sentem um de frente para o outro. Leiam suas listas e se comprometam a realizá-la. Em seguida toquem suas mãos e, sem falar, apenas com o toque, transmitam ao outro o que estão sentindo.

*Psicólogo Flávio Melo Ribeiro - <https://psicologoflavio.negocio.site/>
E-mail: flavioviver@gmail.com - Página no Facebook: Viver – Atividades em Psicologia - Canal no Youtube: Flávio Melo Ribeiro



Por Fernanda Gomes Vieira¹

A tese de doutorado cujo título é Estudantes sob medida: usos da avaliação psicológica no colégio de aplicação da UFRGS (1959– 1968) foi escrita pela psicóloga e pedagoga habilitada em orientação educacional Juliana Topanotti do Santos de Mello. E título já começa como um trocadilho perspicaz com o livro Escola Sob medida, de Edouard Claparède. Nesta tese a autora traz uma perspectiva singular sobre um assunto delicado e pouco explorado: a avaliação psicológica e sua minuciosa influência no fazer pedagógico. Juliana desbrava os usos dessas avaliações psicológicas dentro das classes secundárias experimentais (CSE) dos cursos ginásial e colegial do Colégio de Aplicação (CAP) da UFRGS em um momento histórico marcado por anseios renovadores para o ensino secundário.

No primeiro capítulo, a autora explora os testes e técnicas projetivas apropriados no

dos estudantes dentro da cultura escolar psicologizada do colégio, que encontraram fôlego na liderança de Graciema Pacheco e Isolda Paes. Depois de aprovados no exame de admissão, os estudantes ainda eram submetidos a uma organização da sua vida escolar com base nas avaliações psicológicas das orientadoras educacionais, que formavam o perfil do aluno através dos testes de inteligência e personalidade (Porot, Wartegg, Zulliger, Koch), conversas com as famílias e professores, onde definiam percursos escolares e futuras profissões.

No terceiro e último capítulo, Juliana reflete sobre os conselhos de classe, espaço onde os resultados das avaliações psicológicas embasavam as avaliações escolares e práticas pedagógicas. Assim, esse ritual para reunir, organizar e formatar a diversidade em trajetórias escolares mais adequadas a cada criança era conduzido nos conselhos de classe pelas orientadoras e reunidas à avaliação geral e de cada disciplina pelos professores. E a partir dos

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COMO DISPOSITIVO DE SELEÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE ESTUDANTES



exame de admissão para o curso ginásial do Colégio de Aplicação, ressaltando que não foram usados apenas instrumentos de validação científica, mas também outros que foram produzidos no próprio colégio, como o teste Habilidades para o Trabalho Mental, uma inovação das orientadoras. Esses testes e técnicas tinham como objetivo selecionar as crianças com maior capacidade intelectual (D-48 ou Dominó, HTM) e melhor ajuste social de acordo com os padrões de normalidade, nem sempre brasileira dos testes de personalidade (Desenho de Família, da figura Humana, Wartegg e Zulliger). E, com isso, a autora conclui a triste realidade do exame de admissão que era selecionar crianças com aptidões que as levassem para futuros de profissões especializadas e formações longas.

Já o segundo capítulo coloca o foco nas avaliações psicológicas aplicadas pelo Serviço de Orientação Educacional durante o ano letivo, que serviram também como dispositivos de seleção e classificação

resultados gerais do conselho estes eram classificados por níveis (avançado, suficiente, necessita de atendimento e insuficiente), ou seja, a avaliação psicológica ganhava espaço junto a avaliação escolar e na formação de turmas homogêneas.

Nas considerações finais, o trabalho de Juliana reflete que a seleção por meio de testes de inteligência e de personalidade trilhava caminhos nada democráticos para os estudantes, indicando um lado conservador da cultura escolar renovadora do Colégio de Aplicação da UFRGS. Por isso, reforço a importância de conhecer essa tese de doutorado e aprofundar pesquisas no uso das avaliações psicológicas, já que elas que possibilitaram sustentar a ideia de escola para todos/as, mas sem expandir esse direito a todas as crianças.

Aluna do Curso de Pedagogia a Distância (Polo de Balneário Piçarras) da UDESC e bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e coautor de "A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918) (Editora Mercado de Letras, 2011). E-mail: norbertodallabrida@gmail.com

O ensino remoto durante a pandemia para os alunos de inclusão

Com a palavra a PROFESSORA PEDAGOGA

Professora: Valéria Flora Diniz Pereira - Pedagoga na Apiscae - Associação para Integração Social de Crianças a Adultos Especiais

“Desde março desse ano vivemos uma nova rotina na Instituição. Todos os trabalhos que desenvolvíamos presencialmente estamos prestando de forma *online*. O foco da nossa instituição é a reabilitação, habilitação e a empregabilidade de pessoas com deficiência intelectual. Nosso trabalho tem sido bem árduo”, descreve a pedagoga Valéria.

dades, para evitar que tenham que sair para comprar. E, por outro lado, incentiva o movimento em locais próximos a casa, como jardins por exemplo, para buscar materiais da natureza.

Os alunos, sempre acompanhados de familiares ou responsáveis, são orientados em aulas *on line*. Não queremos que eles comprem ou tenham que sair para esse fim.

As atividades para desenvolver a coordenação motora fina são as mais aplicadas, dentre as de reabilitação. “Assim, sempre junto com a família, buscamos, por meio destas atividades, desenvolver as habilidades, oferecer novas oportunidades. Mas sem o contato presencial essa tarefa é dificultada, porém está dando certo”, afirma a professora.

Assim como no ensino regular, o apoio das famílias é o combustível principal para dar continuidade às atividades.



Grande parte das famílias têm muitas dificuldades em acompanhar as atividades.

“Apesar de tudo, temos visto também muitos alunos se superarem, conseguindo fazer atividades complexas, o que nos enche de orgulho. E aos alunos também”, completa.

“Atividades como recorte, colagem, dobradura, que para muitos pode parecer coisa simples, no caso de muitos de nossos alunos, é pura superação”, acrescenta.

“Pensando nessa época que vivemos, de distanciamento social, posso afirmar que os laços que construímos estarão fortalecidos após essa pandemia. Pais, alunos e equipe multidisciplinar estão totalmente envolvidos nesse processo”, conclui.



Atividades propostas sugerem usar materiais alternativos que possam ser encontrados em casa ou nas redondezas



Montagem da carriola com pote de margarina – tampinhas e palito de churrasco



Atividades consideradas simples como recortar, montar pequenos objetos e até mesmo pintar dentro de limites, são grandes desafios para os alunos da inclusão.



“Contamos com uma equipe composta por uma assistente social, uma terapeuta ocupacional, um psicólogo e uma pedagoga. E temos nos revezado para oferecer aos nossos usuários um atendimento que beire a normalidade”.

A pedagoga acrescenta ainda que as atividades são pensadas e planejadas com os materiais que os educandos provavelmente tenham em casa, ou nas proximidades.



Palestra com a assistente social Jaqueline Coelho da unidade de desenvolvimento regional – UDR pirabeiraba



PROFESSOR: Você desenvolveu um trabalho DIFERENCIADO resultou em mais aprendizagem?

Mande sua sugestão de pauta para:

jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

www.facebook.com/Jornal da Educaçao

www.jornaldaeducacao.inf.br

Acolher alunos e professores é essencial na volta às aulas

Não se deve apenas pensar no conteúdo a ser aplicado aos alunos, ou carga horária, é necessário avaliar os aspectos emocionais do retorno, principalmente a insegurança de todos os envolvidos

Algumas cidades brasileiras estão liberando o retorno às aulas presenciais, outras apenas o ensino extracurricular, enquanto alguns municípios já sinalizaram o retorno somente em 2021. Especialistas da área de saúde afirmam que a volta às aulas presenciais – mesmo de maneira híbrida – só deverá ser realizado com tendência de diminuição da curva de mortes e de casos da COVID 19, algo que ainda não é realidade em muitos municípios brasileiros.

Quando se fala em volta às aulas, pensa-se no aprendizado das crianças, no conteúdo e na evasão escolar. Pouco se fala sobre os aspectos emocionais dos alunos e professores, bem como as inseguranças a respeito do retorno às atividades presenciais.

Para a psicóloga Luciana Deutscher, que trabalha na linha da Psicologia Positiva, esse é um momento que deve ser visto como uma chance de reflexão. “Além de todas as normas de segurança que estão sendo amplamente divulgadas, as escolas precisam trabalhar o aspecto emocional que é necessário para a preparação e apoio especializado aos professores para um retorno, seja nesse ano ou no próximo”, avalia.

O retorno, segundo Luciana, deve priorizar a convivência social, o estar com seus pares e deve ser baseado em atividades que propiciem a troca de experiências de como foi esse tempo de distanciamento, que explorem e foquem no lado lúdico do ambiente escolar. “Conteúdo se recupera facilmente com revisões, retomadas, aulas de assistência. Porém, os impactos causados pelo isolamento social na esfera emocional só se dissolverão com uma convivência leve, alegre, segura e que vise o lúdico, o debate, o brincar orientado, a prática de esportes e atividades recreativas com a segurança das medidas sanitárias necessárias para esse momento atual” reforça Luciana.

Na escola curitibana Interpares Educação Infantil, a preocupação com o acolhimento e o cuidado emocional foi ponto de pauta desde o início da pandemia. “Nós já passamos por várias etapas desse processo. No início da pandemia a preocupação era, antes de tudo, auxiliar as famílias em suas novas rotinas com as crianças em casa, por isso nunca tornamos as nossas vivências obrigatórias”, diz a diretora, Dayse Campos.

Ela conta que a escola se preocupou em fazer enquetes rotineiras e reuniões online para auxiliar os pais. “Após três meses de pandemia, percebemos que nossa abordagem online estava alcançando apenas 25% dos alunos. Os relatos eram de frustração e culpa por parte dos familiares, que se sentiam responsáveis pela não realização das atividades. E tudo que não queremos é ser um ‘peso a mais’ nesse momento tão difícil”, afirma Dayse.

A escola então modificou totalmente sua forma de se conectar com as crianças, promovendo interações em tempo real entre as diversas idades e com os professores. Incluiu diferentes opções de horário, adaptando as necessidades dos pais e mães, e levantou temas de interesse das crianças para guiarem as vivências. “A adesão saltou de 25% para 95%. Foi uma alegria enorme para todos os funcionários, pais e alunos, porque sabemos que ninguém aprende quando está em situação de estresse”, comenta Dayse.

Em seguida, a Interpares deu início a reuniões de avaliação e estudo sobre o momento atual. “Revimos nossas estratégias de condução de aula e conversamos muito sobre o comportamento das crianças, desde aquelas muito eufóricas e agitadas até as que ainda oferecem resistência à nova dinâmica pedagógica. A partir



Foto: Divulgação

Comunicação digital na escola Interpares

disso, e em alinhamento total com os pais, vamos incluindo um a um a esse novo momento”, relata a diretora.

No sentido de que tudo será novo, a nova realidade com a necessidade das mudanças para preservar a saúde de todos já será por si só um grande aprendizado e desafio por parte de todos os envolvidos e envolverá muitas regras a serem cumpridas e atenção da parte de todos os envolvidos, isso por si só já consiste em um grande aprendizado e resulta numa enorme cobrança para ambos os lados. “Independentemente dos níveis escolares, tanto os alunos como os professores, precisam conviver socialmente, retornar para o ambiente escolar fisicamente, RE-conhecê-lo, RE-aprendê-lo”, enaltece Luciana.

A escola Interpares também tem acompanhado sua equipe de perto. “Todo o tempo apostamos na transparência e, sempre que possível, deixamos os professores tranquilos em relação aos seus contratos de trabalho – uma preocupação vivida por profissionais de todos os setores da economia – e priorização da sua saúde”, afirma a diretora.

Segundo Dayse, é preciso lembrar que professores também estão com seus filhos em casa, também enfrentam barreiras tecnológicas, alguns são grupo de risco. “Todas as famílias, seja de aluno ou de professor, estão sofrendo pressões similares. Então tentamos ao máximo respeitar todas essas situações e organizar nossa retomada de forma tranquila e responsável” pontua.

Como Luciana lembra, os conteúdos durante todo esse período de isolamento foram repassados ao aluno, as atividades foram realizadas. “Se foram apreendidos ou não é uma questão que deve ser verificada em segundo momento”, conclui. Afinal, alunos e professores se dobraram durante todo esse período para se adaptarem a essa nova forma de ensino – aprendizagem e ainda por muito tempo continuarão a se adaptar, uma vez que o modelo híbrido será a realidade daqui para frente, pelo menos enquanto não formos todos vacinados, ou seja, em meados de 2021.

“Independentemente, desse retorno ocorrer agora, ainda em 2020 ou somente em 2021, acredito que a forma deverá seguir esse mesmo modelo: o de acolhimento de todos os envolvidos, algo como o que encontramos nas primeiras semanas de aula no jardim da infância e depois anos mais tarde na faculdade: as semanas da Adaptação e a semana dos Calouros”, finaliza Luciana.



Direito & Educação

Coordenação: Yolanda Robert

O auxílio educação se trata de um benefício que pode ser concedido pelas empresas para incentivar a formação acadêmica de seus funcionários. Desta forma, a concessão do auxílio educação é extremamente benéfica aos empregados, mas também aos empregadores, que passarão a contar com uma equipe mais capacitada.

Importante destacar que a concessão deste benefício se dá por mera liberalidade da empresa, exceto nos casos em que exista previsão em norma coletiva, pois em que pese a lei preveja a possibilidade de concessão de auxílio educação pelas empresas, não às obriga à fazê-la.

Ainda, quando concedido o auxílio educação para o empregado, o curso realizado, independentemente de ser técnico, de graduação, pós-graduação

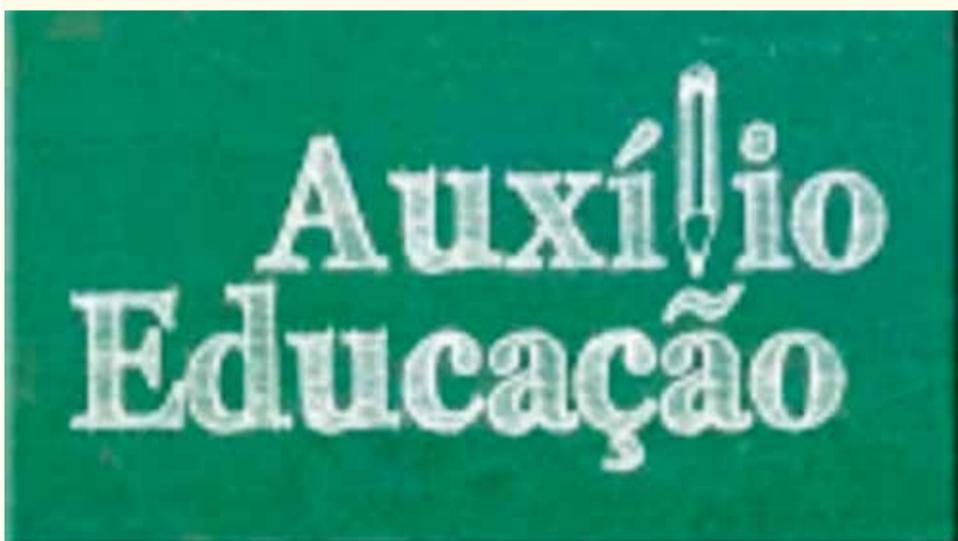
vendo os requisitos e formas de concessão do benefício, tendo em vista que o auxílio educação não integra o salário do empregado para fins trabalhistas e previdenciários e sua concessão de forma incorreta poderá gerar um passivo financeiro ao empregador.

Além disso, outro benefício para a empresa, é que os gastos realizados com a formação profissional dos empregados poderão ser deduzidos do imposto de renda, como despesa operacional, conforme assegura o artigo 368 do Regulamento do Imposto de Renda.

Também, para garantir que o investimento profissional em prol do empregado, seja aplicado em favor da empresa, poderá o empregador estipular uma cláusula fixando um período de permanência mínima do empregado no

O Auxílio educação: um benefício para o empregado e para o empregador

Por Karla Borcate*



ou qualquer outra forma de especialização, deverá estar relacionado com a atividade desenvolvida pelo empregado na empresa, pois o principal objetivo do benefício é auxiliar na capacitação do profissional para as atividades desenvolvidas no seu local de trabalho.

É importante que as empresas, ao decidirem realizar a concessão de auxílio educação aos seus empregados, estabeleçam uma política interna, pre-

emprego sob pena de restituição dos valores gastos.

Por fim, salienta-se que empresas que contribuem para a capacitação profissional de seus empregados, passarão a ter uma equipe mais motivada, capacitada e preparada para encarar os desafios profissionais.

Por Karla Borcate, advogada especialista em Direito do Trabalho.



Yolanda Robert – Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.852), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.



DOGMAS OU HERESIAS?

Fernando Bastos



A religião, como toda obra humana, tem seu lado bom e o lado mau.

Neste artigo, apresento as dez melhores ideias nascidas nas religiões ou adotadas por elas, segundo meu entendimento.

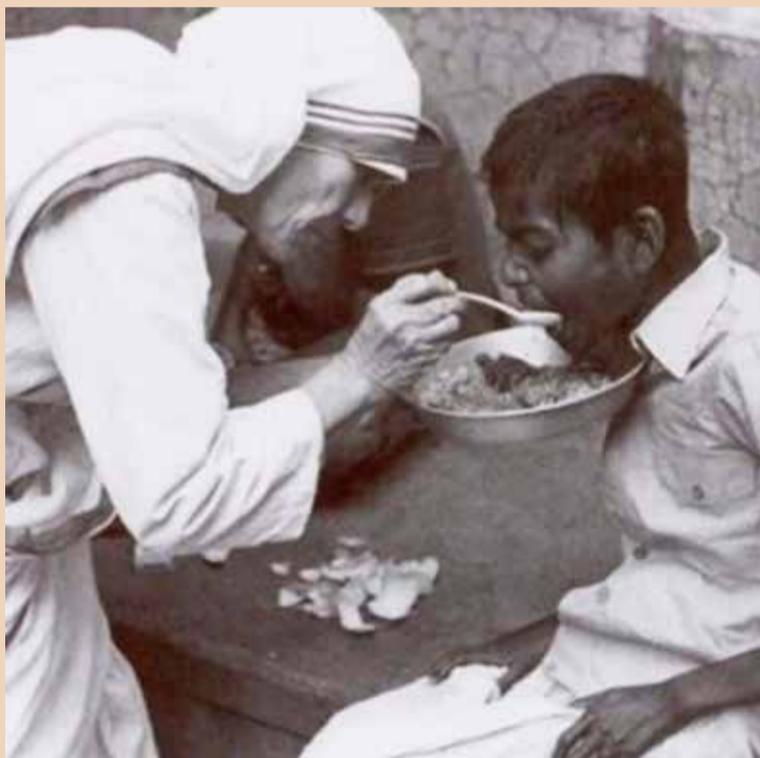
pelo fim dos maus tratos e desprezo que elas recebiam em grande parte do mundo antigo. 6. Pacifismo. Os primeiros líderes espirituais perceberam que viver em paz era melhor do que fazer guerra. O Corão ensina que “Não há utilidade alguma na maioria dos seus colóquios, salvo nos que recomendam a caridade, a benevolência e a concórdia entre os homens.”

7. Paz interior. Práticas como a oração e a meditação podem ser muito eficientes para nos trazer o sossego da alma, ajudando até nos tratamentos para a cura de doenças, conforme atestaram muitos estudos científicos. 8. Caridade. As religiões nos convidam a sermos altruístas, especialmente com os mais necessitados. Muitas delas ensinam a ver os pobres e

1. Deus. A crença num ser superior que olha por nós e intercede a nosso favor quando oramos pode amenizar o sofrimento humano por viver num mundo cheio de injustiça, violência, doenças e desigualdade.

2. Céu. Acreditar que depois da morte iremos para um lugar onde a felicidade reina absoluta é um grande consolo para quem sofreu aqui na terra; e a possibilidade de rever familiares e amigos que

OS DEZ MELHORES CONCEITOS DA RELIGIÃO



partiram antes de nós consola e ajuda a suportar melhor o sofrimento pela perda desses entes queridos.

3. Respeito aos pais. Este preceito foi instituído a fim valorizar e honrar os pais, porque na Antiguidade muitos filhos abandonavam os pais ou os matavam por diversos motivos sem nenhum escrúpulo. 4. Amor ao próximo. Na religião o próximo pode ser alguém da família, pessoas da mesma comunidade, ou até mesmo estrangeiros que viessem a fazer parte dessa comunidade. O amor ao próximo nos ensina a conviver com os outros de forma pacífica e tolerante.

5. Amor às crianças. Desprezadas e até usadas para sacrifícios humanos em religiões primitivas, o cristianismo parece ter sido a religião que mais protegeu a dignidade infantil, clamando

desconhecidos que padecem na dor como nossos irmãos, e que temos a obrigação de ajudá-los.

9. Igualdade. A ideia de que todos somos iguais perante Deus tem espaço especialmente no cristianismo. Paulo diz “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.”

10. Conselhos. Os grandes sábios das religiões deixaram um profícuo legado de ensinamentos para a humanidade que, com efeito, tem ajudado ao logo do tempo a sermos um pouco melhores e a conviver com mais harmonia junto as outras pessoas.

OBS.: No próximo texto abordarei os maus conceitos da religião.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: <https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos>

MEC lança documento sobre implementação da PNEE

O Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Modalidades Especializadas da Educação (SEMESP), lançou, no dia 30 de outubro, documento que trata da implementação da Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (PNEE 2020), instituída por meio do Decreto no 10.502, de 30 de setembro de 2020.

Na apresentação do documento, o ministro da Educação, Milton Ribeiro, ressaltou que, na PNEE 2020, nenhum direito foi tirado e que nenhuma prerrogativa dos estudantes e de suas famílias foi minimizada.

“Muito pelo contrário; os direitos foram ampliados para que famílias e estudantes, além da garantia do acesso à escola comum, tenham também o direito a escolas especializadas, sempre que estas forem consideradas, por eles mesmos, como a melhor opção”, destacou.

Escolas especializadas

Na concepção da PNEE 2020, todas as escolas das redes de ensino, públicas ou privadas, devem ser inclusivas, ou seja, devem estar abertas a todos.

O documento ainda esclarece que as leis brasileiras determinam que os sistemas educacionais devem oferecer, preferencialmente, escolas inclusivas, mas, não exclusivamente.

Assim, sabedores de que existem milhares de pessoas em idade escolar fora da escola, pelo fato de apresentarem demandas que são mais adequadamente atendidas em escolas ou classes especializadas, a PNEE defende a manutenção e a criação dessas classes e escolas e também de escolas e classes bilíngues de surdos. Estas classes e escolas especializadas são também inclusivas.



Documentos traz dados da educação inclusiva no país, inclusive o número de professores em atuação.

Neste sentido, o documento argumenta que o processo de inclusão não pode mais ficar restrito a discussões teóricas: é uma condição para a garantia efetiva dos direitos fundamentais à educação e ao exercício pleno de cidadania de todo brasileiro.

O papel aceita tudo

A nova lei assegura à família o direito de escolher entre escolher entre a escola regular, onde tem garantia de matrícula, ou em classe especializada ou ainda, em escola especializada. Caberá ao setor público, que não pode negar matrícula, oferecer ao educando, atendimento especializado em todas as escolas e em todos os níveis de acordo com as necessidades dos educandos.

E, mais uma vez, a responsabilidade de ensinar para autonomia é transferida para a escola independentemente, das condições a ela proporcionadas para este fim. Ou seja,

DOCENTES	2018	2019	VARIAÇÃO
Total	1.228.719	1.260.049	2,5%
Em classes regulares	1.208.019	1.240.436	2,7%
Em classes exclusivas	26.263	24.735	-5,8%

pouca coisa mudou na nova legislação além do discurso e do texto. Ou seja, papel aceita tudo.

Alguns dados apresentados pelo documento de lançamento do PNEE surpreendem. Segundo o documento, o Censo Escolar 2019 identificou o total de 6,9 mil docentes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades ou superdotação, atuando em sala de aula, configurando aumento de 2,7% em relação a 2018.

Acesse o documento na íntegra (124 páginas): <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>

Assista ao vídeo com perguntas e respostas sobre a PNEE: <https://www.youtube.com/watch?v=ga4LLhlyFI>



PROFESSOR, conte para o JE como está sendo sua experiência de trabalho



Mande seu depoimento ou sugestão de pauta para:

E-mail: jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br ou (47) 984150630 whatsapp

www.jornaldaeducacao.inf.br

[facebook.com/Jornal da Educação](https://facebook.com/Jornal da Educaçã)



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Por que as eleições americanas são tão diferentes assim?

Em um mesmo momento temos eleições em mais de 5000 municípios brasileiros e com resultados claros e objetivos saindo tão rapidamente, e ver o país que é a maior potência econômica do mundo ter eleições que parecem tão estranhas e desorganizadas nos faz levantar essa questão. Por que motivo as eleições deles são tão estranhas?

Para isso, como para quase tudo, temos que olhar para a origem. Em 1776 tivemos 13 colônias inglesas da América do Norte declarando sua independência da metrópole e se unindo na guerra que teriam pela frente, formando assim os Estados Unidos da América. Na luta contra a monarquia inglesa decidiram que iriam criar um governo republicano (copiando ideias da república romana – e as inspirações ficaram tão claras que muitos dos prédio governamentais hoje possuem arquitetura greco-romana e até estátuas dos primeiros líderes usando togas).

Ao contrário do que muita gente pensa a ideia de repúblicas não tinha morrido na Idade Média e Moderna, mas os Estados Unidos (que ainda tinham menos de 1/5 do seu território atual) seriam a maior república moderna a ser criada (em extensão e população).

Mesmo a França, que chegou a ter alguns poucos anos de república durante a Revolução Francesa, teve muita dificuldade para organizar eleições em seu território considerado extenso para uma época sem telefone telégrafo ou tecnologias do tipo. Fazer eleições em um território tão extenso era tão complexo que os franceses por exemplo não determinaram de quanto em quanto tempo essas eleições existiriam quando criaram a regra (mas logo a república caiu)

No caso dos Estados Unidos, entretanto, queriam organizar um sistema em que todos os homens livres votassem e que não houvesse nenhuma opressão sobre eles (por isso cada uma das 13 colônias virou um estado com suas próprias leis e governos e não submetido a quase regulamentação federal nenhuma) e na hora de escolher um presidente para o país todo, devido ao tamanho da complexidade disso, cada estado faria a sua própria eleição interna da forma como bem desejasse, os estados eram pequenos, podiam organizar isso. Após terminarem as eleições internas cada estado enviaria seus delegados para a capital com a função de fazerem uma eleição federal onde somente esses delegados votassem representando os desejos de seus estados,

e assim o presidente seria eleito.

Ao contrário de um país como o Brasil (ou como a França) onde houveram tantas trocas de poder e novas constituições, os Estados Unidos conseguiu se manter estável até os dias de hoje tanto que sua mesma constituição continua ativa até hoje. Mesmo hoje sendo 50 estados e não 13, cada estado organiza suas eleições internas (e cada um com suas regras que vão desde aceitar voto por correio a urna eletrônica) e após ganhar em um estado os delegados desse estado repassam o voto final (claro que hoje não precisa haver deslocamento físico a cavalo desses delegados para votarem).

O fato é que isso faz com que é possível que um presidente vença tendo tido menos votos totais (como ocorreu com Trump em 2016) uma vez que ele tenha ganhado em mais estados levando mais delegados e perdido na soma total de votos (que não importa na decisão da escolha do vitorioso)

E é verdade que nos Estados Unidos só existem dois partidos? Não, nada mais longe da verdade. Existem centenas de partidos lá, até mais do que no Brasil. A diferença é que lá partidos podem ser locais, apenas de um estado ou apenas de uma cidade. E ainda é possível se lançar candidato sem partido. Assim sendo a maior parte dos partidos não lança candidatos a presidência. Mesmo assim, só essa última eleição foram 4 candidatos oficiais nas eleições, e por incrível que possa parecer mais de 1200 candidatos à presidência no total. Mas como assim?

Isso por que antes de ocorrer as eleições finais existem as prévias locais, as regionais e as nacionais. São eleições internas dentro de cada partido que começa com a eleição para ver quem será o candidato a ser candidato (parece estranho né). Então cada estado escolhe quem será o candidato daquele estado até que haja as prévias internas de cada partido a nível nacional, onde chega-se a dois candidatos principais e na última eleição interna o partido escolhe quem será o candidato oficial. Em geral esse processo todo faz com que haja muito mais participação política no dia a dia e não apenas na hora de uma eleição a cada 2 ou 4 anos.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.



Envie seu artigo para publicação na próxima edição do Caderno Científico do JE - JECC

Pesquisador, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica, coordenada por Norberto Dallabrida para a 3ª edição da revista científica catarinense da educação - O **Jornal da Educação Caderno Científico - JECC**. A Comissão científica emite parecer e seleciona os trabalhos para a terceira edição.

Acesse nossa página e saiba as regras para envio pelo e-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br ou telefone/whats (47) 984150630.

As duas primeiras edições do JECC, estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br/educacao-digital-pdf.html, sem restrição de acesso.

A segunda edição teve a coordenação científica de Norberto Dallabrida (UDESC) e Douglas Leutprecht (UNISOCIESC).

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.



A orientação profissional é um processo que envolve mais que a escolha de uma carreira: parte do autoconhecimento e dos objetivos de vida, de nosso potencial e também de nossas limitações, além de levar a um conhecimento do mercado de trabalho e das tendências de futuro. É por isso que é um processo: não se descobre as aptidões e interesses para uma escolha com um simples teste.

Em geral, os psicólogos que trabalham com orientação profissional se utilizam de entrevistas com a pessoa interessada em descobrir suas áreas de aptidão, levantamento de dados da família, histórico escolar e depois são realizados baterias de testes em três frentes: testes que traçam o perfil da personalidade, testes de raciocínio que traçam as áreas mentais onde a pessoa tem mais aptidão e só então vem os testes de interesses profissionais. O processo todo dura em média, dez sessões. Muitas vezes, faz-se testagens para avaliar se a pessoa tem maturidade emocional e cognitiva para realizar a escolha, para depois, caso tenha o devido preparo, vir a passar pelo

suas formações ao longo da carreira. A longevidade no mercado de trabalho, exigida pelas reformas da Previdência e das leis trabalhistas, elevaram o prazo entre o início e o fim da carreira. Se tínhamos pessoas que, há poucos anos, se aposentavam antes dos 50 anos, num breve futuro veremos pessoas com 65 anos trabalhando.

Aliás, já vemos. Isso indica que, se um jovem técnico inicia sua vida profissional com 20, 21 anos, trabalhará por mais de 40 anos para se aposentar. É um prazo muito longo. É comum, normal e até saudável que este jovem de hoje venha a migrar de área em duas ou três décadas, que aproveite seus saberes e habilidades e arrisque novos ofícios, ao longo de 40, 45 anos de jornada profissional.

As escolas devem investir em Orientação Profissional de duas formas.

Portanto, falar de profissão é pensar na vida de um sujeito, do aumento de chances de que o futuro poderá ser menos duro, embora igualmente desafiador. As escolhas precisam ser muito bem pensadas, afinal, a maturi-

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: Muito além da Escolha da Carreira

processo de orientação profissional.

Estes cuidados são necessários para se detectar se o perfil de personalidade é compatível combina com perfil e o estilo das funções da profissão, se as aptidões cognitivas são compatíveis com as habilidades requeridas nas funções da área e, por fim, se o interesse em si pela profissão ou área vem de influência do ambiente, da pressão social ou familiar, desejo do status ou se realmente é fruto da identificação da pessoa com a profissão.

Os psicólogos que realizam as baterias de orientação profissional devem, além de dominar os testes e técnicas para extrair os dados e informações, estudarem o mercado de trabalho, as áreas profissionais que estão em alta, as médias salariais, a empregabilidade, a tendência de mercado, a evolução da carreira, as possibilidades de mudança, enfim, terem a responsabilidade de evidenciar ao candidato a melhor equação entre aptidão e sucesso na área de interesse. É uma responsabilidade enorme, mas recompensadora.

Importante frisar que na atualidade e a tendência futura é que os egressos das faculdades venham a modificar

dade de escolha nos adolescentes antes da faculdade ainda não é plena e os pais são leigos sobre as profissões e as tendências de carreiras, falando mais com o coração do que com a razão, na grande maioria das vezes.

Os pais, no papel de maiores interessados na felicidade dos filhos e não querendo perder tempo e nem dinheiro com escolhas equivocadas, precisam do suporte dos serviços de Psicologia Escolar, um serviço que vai, neste campo, muito além da mera abertura de portas para profissionais terceirizados demonstrarem seus serviços e sejam contratados pelos alunos, muito além de organizar feiras de profissões ou aplicar testes vocacionais.

É necessário um processo de autoconhecimento continuado, que mostre a realidade do mercado, que mostre a importância da responsabilidade e da seriedade, do desenvolvimento interpessoal na construção de uma pessoa melhor, de um jovem comprometido com seu futuro e com uma sociedade que em breve, exigirá muito dos jovens formados. Por isso, sempre repito: a escola vai muito além do ENEM, muito além dos vestibulares!

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura.

E-mail: psicogilmar@gmail.com

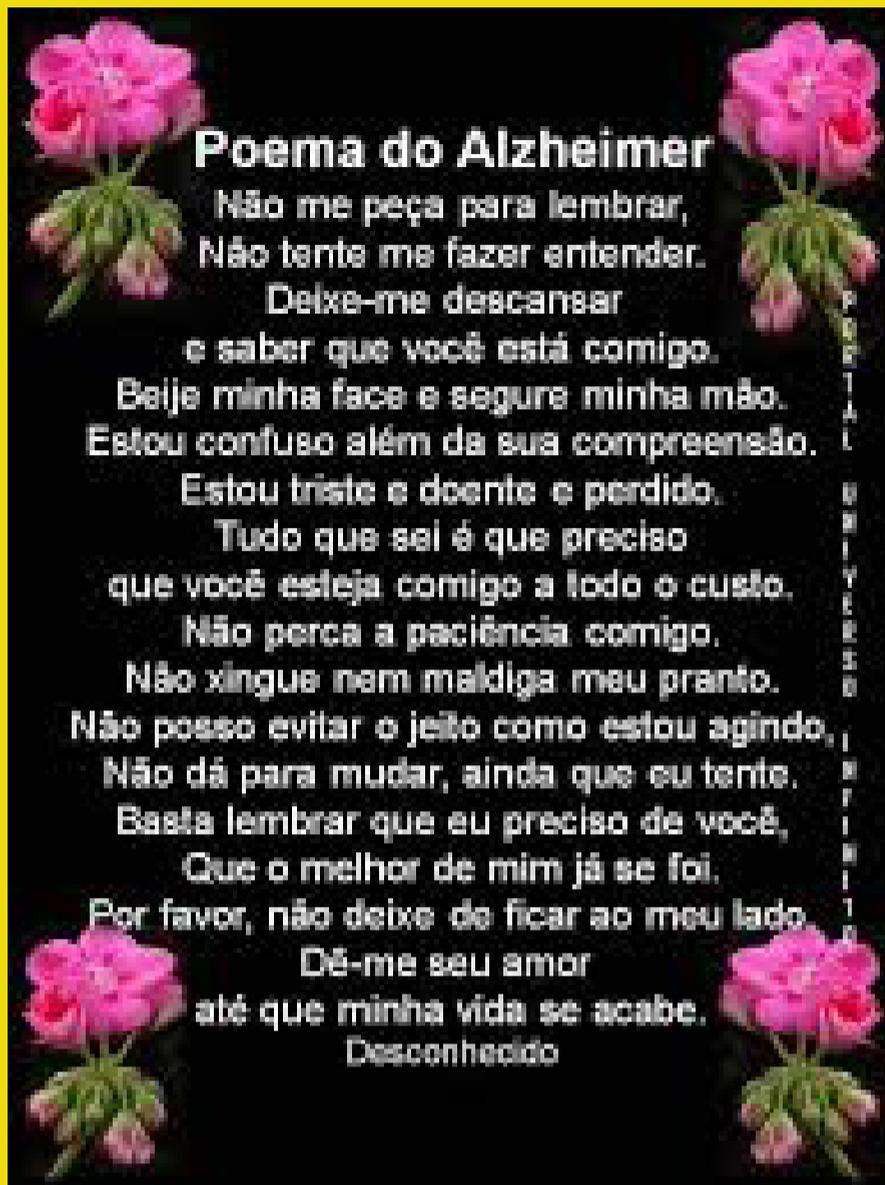


[facebook.com/psicogilmar](https://www.facebook.com/psicogilmar)



@psicogilmar

Circula nas redes sociais



CERTIFICADOS MEC

**FAÇA SEU CURSO DE
 PODOLOGIA**

Trabalhe em clínicas médicas,
 estéticas ou salões de beleza.
 Rendimentos superiores a
 R\$ 4 mil/mensais

AGENDE-SE E VEM!
 Início das aulas 13/10

IREI INSTITUTO
 REFERÊNCIA
 EM EDUCAÇÃO
 INTEGRADA
www.irei.com.br

47 3422.8906 | 98843.0705
 contato@irei.com.br
 Rua Otto Boehm, 100 - América
 CEP 89201-700 - Joinville/SC